
As transformações de uma cidade: a ‘vilota rude’ que se tornou ‘Administração Municipal Modelo’ – o caso de Lages/SC

Fabiano Garcia¹

Universidade Federal de Santa Catarina

f.garcia7@hotmail.com

Resumo: Neste artigo investigo o contexto de formulação dos projetos populares participativos realizados em Lages/SC, em meados da década de 1970 e que levaram a cidade a ser conhecida como “administração municipal modelo”. Ao ser sede de uma experiência inovadora, com a gestão “Lages, a força do povo” (MDB), o município acabou lançado no centro de um amplo debate, próprio do período de abertura política e do processo de redemocratização do país (1979-1988). No entanto, para compreender os desafios políticos colocados nos anos 1970, é necessário interpretar também as transformações ocorridas na cidade num período anterior, principalmente a partir de 1940.

Palavras-chave: Urbanização; Movimento Democrático Brasileiro; Ciclo da Madeira; Lages.

Abstract: This article investigate the context of participatory formulation of popular projects carried out in Lages/SC, in the mid-1970s and led the city to be known as "municipal management model." By hosting an innovative experience with the "Lages, the people's strength" (MDB) management, the municipality ended up in the center of a broad debate, typical of the period of “political openness” and of the country's re-democratization process (1979- 1988). However, in order to understand the political challenges posed in the 1970s, it's also necessary to interpret the transformations that occurred in the city in an earlier period, especially since 1940.

Keywords: Urbanization; Brazilian Democratic Movement; Ciclo da Madeira; Lages.

No último século e meio o processo de urbanização e a reconfiguração das cidades foram intensificados de forma muito díspar em muitas partes do mundo. É possível afirmar que as cidades modernas (pequenas, médias e grandes) passaram a assumir uma posição central para os agrupamentos humanos, pois se tornaram as bases materiais onde fundamentalmente ocorrem decisões políticas e econômicas e também onde as pessoas ao redor do planeta vivem o seu dia a dia. Além disso, as cidades se tornaram um espaço de suma importância para o desenvolvimento do capitalismo, pois a Revolução Industrial “dilatou as cidades e tornou-as centros de consumo e produção”². É espantoso saber que a população vivendo em cidades com mais de 5 mil habitantes no mundo “cresceu, entre 1850 e

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina e Bolsista CAPES-DS. E-mail: f.garcia7@hotmail.com.

2 RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. “A cidade como objeto da historiografia”. *Saeculum – Revista de História*. [21]; João Pessoa, jul/dez. 2009, p.111.



1950, de 7% para 30%. Mais importante ainda: na primeira metade do século XX, a população morando em cidades de mais de 100 mil habitantes aumentou em 250%”³.

Cabe notar que isso não implica dizer que o meio rural perdeu sua importância - muito pelo contrário, pois, conforme Raymond Williams: “a cidade é apenas uma maneira convencional de se ver essa espécie de transformação; e o campo, como agora quase todos sabem, é sem dúvida outra”⁴. Ainda assim, a industrialização ou formas organizadas e intensificadas de exploração econômica, deram o tom da urbanização contemporânea, já que a cidade, como a entendemos, é o “território-suporte para a atividade industrial por se constituir num espaço de concentração e por reunir as condições necessárias a esta forma de produção”⁵. Como destacou Henri Lefebvre:

Se distinguirmos o *indutor* e o *induzido*, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas à “cultura”⁶.

A expansão do processo de extração da madeira nas florestas de araucária, por exemplo, e o aumento do número de serrarias no planalto serrano catarinense, um processo regional violento de exploração capitalista durante o século XX⁷, trouxe mudanças significativas para inúmeras localidades, sobretudo, se pensarmos na questão do êxodo rural e na reconfiguração do espaço urbano no território catarinense. Foi um contingente muito grande de homens e mulheres que se deslocaram do campo para a cidade. E esse é o caso de Lages que em três décadas (1940-1970) assistiu um aumento relativamente significativo de sua população

3 WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p.451.

4 WILLIAMS, Raymond. *Op. Cit.*, p.478.

5 SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e urbanização*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2000. Edward P. Thompson já havia enfatizado que “[...] é suspeita a tentativa de fornecer modelos simples para um processo único, supostamente neutro, tecnologicamente determinado, conhecido como “industrialização”. THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.288. Dessa forma, compreendemos aqui, a partir de Maria Spósito que a expressão indústria traduz, no seu sentido mais amplo, o conjunto de atividades humanas que têm por objeto a produção de mercadorias, através da transformação dos produtos da natureza; e entendida em seu sentido mais restrito, diz respeito às formas tomadas pela produção de mercadorias, a partir da maquinofatura, e especialmente com a Revolução Industrial.

6 LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2008, p.11.

7 Não há consenso, hoje, sobre a denominação do processo de extração da madeira ocorrido no planalto catarinense como industrialização. Há autores que chamam a atenção para o fato de que se tratava de empresas esparsas e com baixo grau de agregação de valor à matéria prima processada. Cf. HOFF, Débora Nayar; SIMIONI, Flávio José. *O setor de base florestal na serra catarinense*. Lages: Editora Uniplac, 2004, p.28.



urbana, sendo a primeira cidade catarinense a atingir 100.000 habitantes até a década de 1970⁸.

Para evitar analisar a questão da urbanização a partir de um viés mecanicista e demasiadamente esquemático apenas a partir das transformações econômicas, ou seja, para se prevenir do ‘determinismo econômico’ à custa do processo histórico e social, propõe-se neste artigo tentar elucidar como uma cidade, em suas especificidades históricas, pode modificar-se de forma tão acelerada em relação aos períodos anteriores, analisando-a também sob outros aspectos⁹. Para isso, se aceita que embora a esfera econômica não determine toda a totalidade da vida social, no capitalismo, excepcionalmente, ela assume certo protagonismo, enraizando uma dinâmica muito particular. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se impõe alguns imperativos (a centralidade da propriedade privada, a concorrência, o trabalho assalariado, a maximização dos lucros, etc.) ao restante da vida social, esse processo também é limitado pela ação coletiva das pessoas de acordo com conjunturas específicas, mudanças políticas, culturais e afins¹⁰.

Em suma, é preciso frisar que na segunda metade do século XX se efetivou uma dinâmica que acabou tornando o processo de urbanização muito mais intensificado, o que interfere diretamente nas diferentes formas de viver em um espaço como o das cidades. No caso do Brasil, país periférico e latino americano, o empenho analítico deve ser redobrado, dado as particularidades e as diferenças substanciais em relação ao fenômeno da urbanização ocorrido em países centrais e de capitalismo avançado. E mesmo internamente, em termos geopolíticos, há, quase sempre, a necessidade de distinções de nossas singularidades, dado as inúmeras diferenças regionais do país¹¹.

8 PEIXER, Zilma Isabel. *A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages*. Lages: Uniplac, 2002, p.17.

9 Concordamos com Maria Stella Bresciani quando a autora afirma que a questão básica, é, sem dúvida, a maneira pelo qual o tema é estudado e problematizado. Também chamo atenção para o fato que a historiadora também enfatiza de que as várias teorias que tem sido mobilizadas pela historiografia, desde o século XIX, para estudar as cidades, também elas estão vinculadas a posições políticas. BRESCIANI, Maria Stella em *Cidades e urbanismo. Uma possível análise historiográfica. Politeia: Hist. e Soc.*, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 21-50, 2009.

10 Em relação às críticas do determinismo econômico e uma análise rigorosa sobre o modelo “base – superestrutura” ver o excelente debate realizado por WOOD, Ellen. *Democracia contra Capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2002, p.51-72.

11 Pedro Fiori Arantes analisando as produções do CEBRAP e da FAU/USP, anota que no Brasil, foram esses dois grupos que a partir da década de 1970 procuraram avaliar “como o subdesenvolvimento gerava uma condição peculiar de reprodução de força de trabalho” e desse modo “a cidade passa de mero suporte de processos sociais e econômicos para ser compreendida como parte decisiva da produção e reprodução do capital”. ARANTES, Pedro Fiori. *Marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970*. *Novos Estudos*. n.83. Mar. 2009, p.104. Essa distinção é fundamental e parte do que tentamos realizar neste artigo. De forma mais ampla, ver por exemplo: Castells, Manuel (org.). *Imperialismo y urbanizacionen América Latina*. *Barcelona*:



Este artigo está dividido em três partes. Na primeira seção apresenta um retrospecto como tentativa de ressaltar o que, afinal, mudou no centro urbano de Lages. Num segundo tópico apresenta uma sucinta discussão sobre o ‘ciclo da madeira’ e os impactos sociais, políticos e econômicos sucedidos nesse período. O terceiro e último reflete sobre a administração da prefeitura municipal que, através dos seus projetos populares, alçou Lages ao centro dos debates políticos no período de abertura política (1979-1985). A equipe de “Lages, a força do povo”, como veremos, foi a principal responsável em encarar os problemas sociais advindos dos anos do pós guerra tais como o crescimento da população periférica, o problema habitacional e a exclusão das classes populares dos processos de decisão política. Resta frisar que além de revisão bibliográfica, este trabalho conta com uma ampla série de fontes, o que inclui relatos de viajantes, poemas, monografias e jornais de época, leis municipais e livros de memórias.

1. Sinopse: as transformações de uma cidade sob o signo da “modernização conservadora”

E com essa injustiça provocada pela desolação da natureza, afirmo que, quanto mais conheci Lajes [...] tanto mais achei o lugar desalentador e não posso imaginar pior lugar de degrado que este.

Robert Avé-Lallemant, 1858.

É frequentemente aceito que Lages é uma espécie de herança legada pelo “caminho das tropas”, uma vez que surgiu, como outras cidades e vilas, às margens da estrada que ligava o Rio Grande do Sul (Viamão) ao restante do país, e cujo transporte de cargas, já no século XVIII era bastante intenso, principalmente em épocas de abastecimento de carne nas regiões de Minas Gerais e nas feiras de gados de Sorocaba, em São Paulo¹². Sua centralidade geográfica em uma localização privilegiada na região sul, mais a ampla oferta de recursos naturais e intensa circulação de pessoas e mercadorias, favoreceram para que a cidade se

Gustavo Gili, 1973; Kowarick, Lúcio, Brant, Vinicius Caldeira e Camargo, Cândido Procópio de (orgs.). *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*. São Paulo: Loyola, 1975. Singer, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973. SANTOS, Milton. *Ensaio sobre a urbanização Latino-americana*. 2. ed. atual. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

¹² As referências frequentes sobre o assunto são RAMOS JR. Vidal Ramos. *Notas para a história da fundação de Lages: 1766 – 1783*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Imprensa Oficial. 1944. DACHS, Walter. *Histórico da vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens*. Coluna semanal do Jornal Guia Serrano, 1960-1964; COSTA, L. *O Continente das Lagens*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. *Estudos de geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991. PEIXER, Zilma Isabel. *A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages*. Lages: Uniplac, 2002.



configurasse historicamente como um centro regional importante de Santa Catarina e do sul do Brasil. Desse modo, não foram raras as impressões e as qualificações deixadas por viajantes, escritores, políticos e artistas sobre Lages entre o século XIX e o século XX, as quais nos servem como fontes históricas hoje¹³.

O viajante alemão Robert Avé-Lallemant, por exemplo, ao passar pela vila de Lages, “[...] lugar principal do planalto [...]”, onde imperava a aparência de “[...] inação, indolência e incúria”¹⁴, assim a descreveu:

Nunca vi tanta indolência, ou melhor, tanta preguiça como entre os camponeses de Lajes. Não é notável, por exemplo, que na cidade central de um município onde pastam centenas de milhares de reses não se encontre uma libra de manteiga para comprar?¹⁵.

Em meados do século XIX, Lages ainda não tinha alcançado a denominação de “cidade”, o que só viria por decreto em 1860. A vida comercial local, embora já ascendente, não dava ares de grandes proporções. O cultivo agrícola, em boa parte senão a maioria, ainda era direcionado à subsistência. Conforme relata Avé-Lallemant: “O trigo medra magnificamente no planalto. Mas só se cultiva para o consumo doméstico, para os estômagos que gritam”. E isso não por falta de recursos disponíveis, pois para o médico alemão, havia “[...] recursos bastantes à mão”¹⁶. Isso nos leva a crer que ainda prevalecia uma cultura local com valores muito distintos daqueles que viriam a ser os valores “dominantes” anos mais tarde¹⁷.

13 Entre esses relatos podemos incluir poemas, peças teatrais e livros de memórias. Em sucessão cronológica, podemos destacar os textos de Ruben Cleary (1886), João José Theodoro da Costa (1902), Paulo Setúbal (1918/20), João Gualberto da Silva (1920) e Victor Antônio Peluso Jr. (1940). Embora Lages permaneça sendo atualmente a cidade com maior extensão territorial do estado de Santa Catarina segundo o IBGE, com aproximadamente 2.644,313 km², ao longo do século XX a cidade passou por uma série de reconfigurações do seu território com os desmembramentos dos municípios de Anita Garibaldi, em 17 de julho de 1961; Campo Belo do Sul, em 17 de Julho de 1961; São José do Cerrito, em 7 dezembro de 1961; Correia Pinto, 10 de maio de 1982; Bocaina do Sul; 16 de Julho de 1994; Painel, 7 de agosto de 1994 e Capão Alto, 29 de setembro de 1994.68. Fonte: IBGE.

14 AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1980, p.81.

15 Id. *Ibidem*. O nome da cidade catarinense foi grafado com “J” até a década de 1960. Posteriormente a grafia é adotada com “G”, Lages. A mudança foi motivada pela existência de outro município, Lajes, no Rio Grande do Norte.

16 AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.69 e 71 respectivamente.

17 Embora esse “modo particular” continuasse permanentemente ativo no processo de formação cultural local anos mais tarde, no mínimo, como elemento “residual”. “O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente”. WILLIAMS, Raymond. *Dominante, residual e emergente*. In: *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979, p.125.



Parte da vida social, no entanto, já apontava que ali se constituía um núcleo urbano, com relações sociais pautadas e direcionadas cada vez mais pelo processo emergente que se generalizava pelo país: o desenvolvimento, a transformação e a modernização dos espaços públicos, conforme já se notava em algumas cidades brasileiras¹⁸. Em Lages, as atividades geralmente associadas à “cultura urbana” eram emergentes nesse período. A cidade foi marcada, por exemplo, pela cultura dos jogos de azar, pela alta taxa de prostituição e de criminalidade¹⁹.

De um modo mais poético, mas ainda pouco lisonjeiro do que o viajante Avé-Lallemant, o escritor paulista Paulo Setúbal, tendo Lages como pano de fundo, também escreveu a respeito, quando lá esteve em 1918 a fim de se curar de uma enfermidade. Em seu poema *A vila*, registrou: “Lembro-me bem dessa vilota rude/ onde eu me fui, sem gosto e sem saúde/ buscar um pouso para os meus cansaços/ Que terra triste e sertaneja! A escola, a hospedaria, a antiga Igreja/ E a capelinha do Senhor dos Passos”²⁰. Em *A forasteira*, outro poema de sua obra, de igual modo, aponta: “E ali, na vila, nessa pobre aldeia/ tão incolor, tão rústica, tão feia/ Povoada de caboclos indigentes/ a forasteira com seu ar *touriste*/ com seu chapéu de plumas, com seu chiste/ chocava o povo e deslumbrava as gentes”. Ao menos de acordo com os registros dos nossos viajantes, a vida na pequena cidade que historicamente serviu de paragem não parecia muito atraente e movimentada.

Ao qualificar a vila de Lages em termos pouco generosos, ou mesmo registrando a situação de precariedade mesma pela qual passava os cidadãos, Avé-Lallemant e, anos mais tarde, Setúbal, nos revelam um modo interessante de comparar a cidade. Se atentarmos para as expressões utilizadas como “indolência, rude, triste, pobre, feia e rústica”, teremos um repertório cujos antônimos revelam as qualidades de uma cidade idealizada, desejada e perfeita: um lugar permeado por trabalho, educação, ânimo, riqueza, beleza e com traços cortesãos. A repulsa e a desqualificação, uma ‘vilota rude’ nas palavras de Avé-Lallemant, demonstram neste caso, muito mais do que apenas um julgamento crítico dos viajantes, ao contrário, registra as transformações profundas de uma sociedade.

18 Para Milton Santos “O Brasil foi durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior. [...] Esse quadro é relativamente quebrado a partir da segunda metade do século XIX [...]”. SANTOS, Milton. *A urbanização Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996, p.26.

19 Cf. SERPA, Elio C. Vadios, desertores e criminosos no povoamento da vila de nossa senhora dos prazeres das Lagens. *Revista Catarinense de História*, n.1, mai. 1990. NUNES, Sara. *Caso Canozzi: um crime e vários sentidos*. Lages: Grafine, 2011. MUNIZ, Vanessa Aparecida. As relações de gênero entre coronéis, concubinas e suas esposas na década de 1950 (Lages – SC). *XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios.*, 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos SNH-2015.

20 Ambos os poemas citados estão em SETÚBAL, Paulo. *Alma Cabocla: poesia*. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 1964.



Apesar disso, Lages do início do século passado, é preciso dizer, passou por um processo de “modernização conservadora” – moderno porque partilha os valores difundidos hodiernamente nas metrópoles, e conservadora porque não alterou as posições de poder e o *status quo*. Em 1901 foi inaugurado o expressivo prédio do paço municipal, marco do poder público local. Em 1913 foi finalizado o prédio do Grupo Escolar Colégio Vidal Ramos, um dos maiores do Estado. Em 1922 foi concluída a construção da catedral diocesana, monumento oficial do poder da religião católica - instituição que tinha muita dificuldade em doutrinar e se relacionar com a população local²¹.

Parte do perímetro urbano passou a ter iluminação pública a base de gás em 1910. Novas ruas foram abertas e houve instalação da rede elétrica em 1913. Em 1915, além da instalação da rede telefônica, chega à cidade uma filial da *Casa Carl Hoepecke*, uma das maiores empresas comerciais do sul do país naquele período. Em 1918 foi aberta ainda uma agência do *Banco Nacional do Comércio*, além de ter surgido novos prédios públicos. No início do século XX, portanto, a administração municipal da cidade investiu em algumas mudanças, tentando desassociar-se daquela imagem de modesta vila interiorana do século XIX. Como destaca Peixer, foi “uma manutenção das práticas tradicionais dos coronéis revestida de “ares “modernos”²².

Para a maioria da população, no entanto, é admissível supor que parte desse conjunto de transformações era bem pouco acessível, posto que o ingresso à pequena modernização urbana tinha como premissa, em boa parte dos casos, o lugar social que os habitantes ocupavam e que o perímetro urbano tinha ainda proporções irrisórias em relação ao restante da área do município onde vivia a maioria das pessoas, ou seja, a área rural. Com esses “novos ares” também chegou a imposição da lei - forjada a partir dos códigos e padrões de civilidade e conduta, como expressa o Código de Posturas de 1895.

No seu artigo 117, por exemplo, proibiu-se, entre outras coisas; “fazer samba ou batuques, quaisquer que sejam as denominações, dentro das ruas da cidade e das povoações; andar pelas ruas indecentemente vestido com roupas dilaceradas [...] viver sem ocupação lícita [...]”. Como bem indicou Zilma Peixer, é “interessante observar que esses

21 No início do século, há registros de que “dois ou três homens, em geral, assistiam à missa aos domingos e dias santos” e que o povo vinha às festas, quando havia, não para rezar [...] mas para se divertir. Depoimento de Frei Rogério Neuhaus registrado em SINZIG, Pedro (1939) apud SERPA, Elio. *Igreja e catolicismo popular no planalto catarinense (1891 – 1930)*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 1989, p.48.

22 PEIXER, Zilma Isabel. *Op.Cit.* p.49, 61 e 85. No estado, outras regiões passavam por esse processo, como é o caso de Florianópolis. Cf. ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP. São Paulo SP, 1989.



comportamentos que a lei delineava como proibitivos, de modo geral, eram frequentes nos grupos populares”²³.

Como importante centro comercial regional, cujas raízes remontam ao período do ‘caminho das tropas’ do século XVIII, Lages ainda mantinha seu status de ‘cidade de fazendeiros’ na primeira metade do século XX, mesmo com algumas alterações no seu espaço urbano, como atestou Victor Antônio Peluso Junior²⁴. A partir de 1940, no entanto, essa condição insinua se alterar de alguma forma. Em 1942, algo notável e sugestivo parece transformar aquele tom melancólico presente nos textos dos viajantes, pois segundo a matéria do *Jornal Guia Serrano*:

Grande tem sido a concorrência no terreno migratório. Semanalmente chegam a esta cidade muitas famílias fixando residência. Explica-se esse êxodo considerando o fato de que Lages, cuja fama de região farta e rica já transpôs fronteiras, está se industrializando, o que em outros termos significa - Lages terá em breve vida própria...²⁵

2. Intervalo: o ciclo da madeira -espaço e política com desdobramentos

Dez anos mais tarde, o *Jornal Região Serrana* avaliava negativamente o processo que passava a caracterizar a cidade como um lugar desigual:

Lages cada vez mais vê aumentada a sua população. A enorme quantidade de gente que para cá afluem frequentemente não é, composta de pessoas abastadas. São pessoas pobres, que precisam trabalhar a fim de poderem continuar a viver”²⁶.

Picuinhas políticas envolvendo a redação e orientação política da imprensa e as disputas internas da família Ramos à parte, foi especialmente a partir da década de 1940 que Lages passou por uma série de alterações na sua configuração social, econômica e política. Nesse período, há uma importante remodelação da economia local e uma transição peculiar que levou a exploração da madeira nas florestas de araucária a superar o modelo baseado na pecuária, o que certamente não é pouco. Vale frisar que embora a crise de 1929 tenha afetado

23PEIXER, Zilma Isabel. *Op. Cit.*, p.74.

24 PELUSO JUNIOR, Victor Antonio. Santa Catarina na Exposição do X Congresso Brasileiro de Geografia. *Revista Brasileira de Geografia*. Ano V, nº 3, Rio de Janeiro: CNG/IBGE julho-setembro de 1944.

25Jornal Guia Serrano, Ano 1942, nº. 396. p.16. Os recortes desse Jornal estão disponíveis pela pesquisa de: MIRANDA, Silmara Luciane. *Lages 1940: discursos e remodelações urbanas*. Dissertação de mestrado em História, Florianópolis: UFSC, 2001.

26 Jornal Região Serrana, 04.09.1954



os negócios dos fazendeiros, que desde muitas décadas estavam interessados nos rentáveis negócios para exportação de carne, estes eram amplamente amparados por recursos estatais, por recursos humanos e técnicos destinados a melhoria nas criações de gado e organizados em associações que há décadas estavam estabelecidas na região como o Turfe Lageano²⁷, além de ter seu mercado imensamente favorecido pela Segunda Guerra Mundial²⁸.

Ainda assim a atividade das madeireiras e serrarias superou a pecuária em importância econômica, além de absorver a força de trabalho local e regional nos anos 1950, momento no qual se intensificou o processo de ‘industrialização’ da madeira, conforme defende Ari Martendal²⁹. Durante esse período de intensa exploração dos recursos naturais da região, o município passou a receber grandes contingentes de trabalhadores, configurando-se como o polo receptor do êxodo rural da região.

O município chegou a ocupar o primeiro lugar no país em produção de madeira bruta, comercializando 61% da madeira exportada para outros países, tendo sido também responsável por significativa parte da madeira consumida pela construção da nova capital federal a partir de 1957³⁰. De acordo com a *Enciclopédia brasileira dos municípios*, de 1956, Lages tinha como fonte de riqueza, “a garantir-lhe um futuro sorridente”, a indústria madeireira, sendo 166 estabelecimentos industriais, 122 especialmente dedicados a madeira serrada e 2 a caixa de madeira desarmada³¹.

A composição social lageana também se alterou significativamente na medida em que novos contingentes de pessoas foram chegando à cidade. Migrantes do Rio Grande do Sul (principalmente das colônias italianas da serra gaúcha) tornaram-se os principais responsáveis

27 Cf. GARCIA, Fabiano. *Para além dos seletos e sinuosos consensos: processo histórico, transformação social e a construção da memória coletiva, Lages/SC (1944-1990)*. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016, p.41-76

28 FLORIANI, Guilherme dos Santos. *História florestal e sociológica do uso do solo na região dos campos de Lages no século XX*. Dissertação de Mestrado em Ciências Agrárias (Manejo do solo). Lages: UDESC, 2007.

29 MARTENDAL, José Ari Celso. *Processos produtivos e trabalho-educação: a inclusão do caboclo catarinense na indústria madeireira*. Rio de Janeiro: FGV, 1980. Ao discutir a relação da historiografia com a Araucária, Miguel Carvalho faz uma crítica muito pertinaz quanto ao enfoque dado ao tema. Além de “não expor a gravidade das consequências ecológicas [...] desse desenvolvimento econômico da indústria madeireira, esses trabalhos também apresentam um quadro bastante incompleto para o pesquisador que busca entender a questão do desmatamento”. E ainda que “como característica de todos os trabalhos de história regional mencionados, está a falta de um balanço geral e detalhado sobre o processo de desmatamento da floresta com araucária como um todo, e que envolva mais do que a indústria madeireira”. CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. *Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumberland Colonization (1870-1970)*. Tese de doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2010, p.60 e 64 respectivamente. Neste artigo não temos como objetivo aprofundar essa questão, mas o tema merece, de fato, não só um balanço abrangente como também um enfoque que consiga reunir os esforços realizados nos últimos anos de acordo com as mudanças nos sucessivos “regimes de historicidade”, trabalho que ainda está por ser feito.

30 COSTA, 1982, p. 914.

31 Enciclopédia brasileira dos municípios, Rio de Janeiro, 1956. p.238-240.



pela intensificação do processo de exploração do pinheiro e incremento de técnicas de corte e tratamento da madeira³². Vanessa Muniz destaca que 50 famílias libanesas migraram de São Paulo para abrir comércio, principalmente lojas de roupas e calçados³³. Além disso, “várias agências bancárias passam a ser instaladas nesse período juntamente com as principais agências de serviço social, SESI, SESC e SENAI”³⁴.

Essas mudanças implicaram, de modo geral, diretamente na especialização em serviços oferecidos no município, além da alteração do seu espaço urbano. O *Jornal Região Serrana*, em 1954, sublinhava: “O crescimento da cidade é um descalabro. Ela continua se desenvolvendo desordenadamente, com ruas tortas e desencontradas, praças em miniatura (quando aparecem) e becos sem saída”³⁵. É importante destacar que são os caboclos oriundos dos campos e do meio rural - prováveis sucessores daquela geração ‘indigente’ caracterizada pela ‘indolência e preguiça’ e pessoas com as quais a igreja tinha dificuldades de se relacionar - é que vão ser os principais responsáveis pela produção nas madeiras e serrarias³⁶.

Eram homens e mulheres que trabalhavam em diferentes fases desse processo: o corte, o carregamento, empilhamento da madeira, no transporte e na operação dos mais diversos tipos de maquinários. São também os principais agentes na formação de novos bairros e vilas como: “Centenário, Santa Helena, Vila Nova, São Luiz, Curva da Morte, Várzea, Penha, Guarujá, Triângulo, Lomba Seca e Passo Fundo”³⁷. Parafraseando o historiador Nicolau Sevcenko é possível pensar que “essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados”³⁸.

A partir do desenvolvimento das madeiras, a cidade também se reestruturou para atender as novas demandas desse setor econômico: surgiram postos de gasolina, borracharias, fábricas de reboques e carrocerias, lojas de peças e acessórios, oficinas mecânicas, sendo que os ‘gringos’, como eram chamados os migrantes da serra gaúcha, constituir-se-iam em “novos

32 MARTENDAL, José Ari Celso. *Op. Cit.*

33 MUNIZ, Vanessa Aparecida. *Sociabilidades e namoros na década de 70 – Lages (SC)*. Dissertação de mestrado em História. Florianópolis: UDESC, 2012, p.25.

34 QUINTEIRO, Jucirema. *A “força do povo” em Lages: mas o que foi mesmo esta experiência?* Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1991, p.103.

35 *Jornal Região Serrana*, 04.09.1954.

36 O trabalho de maior expressão sobre o assunto, a nosso ver, é o do professor Ari Martendal. O autor é um dos primeiros pesquisadores a se concentrar no sujeito ‘caboclo’, certamente o ‘tipo social’ característico da população lageana. O autor também diferencia as diferentes partes do processo e a integração desse sujeito na exploração da madeira.

37 MARTENDAL, José Ari Celso. *Ibidem*, p.48.

38 SEVCENKO, Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 32.



ricos” da cidade, “em substituição aos fazendeiros, cobiçando permanentemente o poder para desbancar os políticos tradicionais”³⁹. O desenvolvimento do setor de terciário, ou seja, das atividades ligadas ao comércio de bens e prestação de serviços, não à toa, ocorreu intensamente nesse período⁴⁰. Ao tratar dos migrantes, Pedro Fiori Arantes destaca que eles representam toda uma nova dinâmica social, econômica e espacial:

E constituiriam, para além de uma subclasse, um verdadeiro “pólo” na estrutura econômica global. O que eles têm em comum é o fato de serem instáveis, irregulares e precários em comparação com seus equivalentes “integrados”, isto é, não marginais. Ocupam, no mundo do trabalho, posições no setor terciário, em serviços subalternos e informais. O terciário, desse modo, incharia desproporcionalmente em relação à indústria⁴¹.

E em termos políticos as alterações não tardam em surgir. Se em 1947, as eleições para prefeito e para câmara de vereadores contaram apenas 10.547 votos da população⁴² e eram disputadas apenas pelos dois partidos da oligarquia catarinense: o Partido Social Democrata (PSD)⁴³ e pela União Democrática Nacional (UDN), em 1958 vão ser cinco os partidos políticos disputando o pleito: PSD, UDN, PTB, PDC (Partido Democrata Cristão) e o PL (Partido Libertador) em que votaram 26.102 eleitores. Um maior número de votos acabou não só deslegitimando os políticos estabelecidos, geralmente ligados à pecuária, mas também minou as antigas formas de coação, pois abriu um novo espaço para negociação entre os representantes políticos, para a formação de novos consensos, derivando em novas exigências e transformando o ‘preço’ do voto. Temos assim, portanto, uma curiosa relação de ‘mão dupla’ entre certo tipo de desenvolvimento econômico e a formação e reconfiguração de uma cultura política local, ao menos partidária⁴⁴.

39 MARTENDAL, José Ari Celso. *Ibidem*, p. 42-44.

40 Como notou Roberto Schwarz em prefácio, Chico de Oliveira identificou que o inchaço do setor terciário, não era vestígio do passado, mas parte funcional do “desenvolvimento moderno do país, uma vez que contribuíam para o baixo custo da mão-de-obra em que se apoiava a nossa acumulação”. OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista - O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2013, p.18/19.

41 ARANTES, 2009, p.105.

42 Câmara Municipal de Lages. Memórias do legislativo lageano. Governo do Estado de Santa Catarina. 2008, p.16.

43 Principalmente depois da consolidação política de Nereu Ramos que “durante a permanência de Getúlio Vargas no Executivo Federal, esteve na liderança do governo do Estado”. FÁVERO, Tâmyta Rosa. *Tramas e desenlaces eleitorais: o cenário político na “velha Lages” durante a ditadura militar (Lages, SC, Década de 70)*. Monografia. Florianópolis, UDESC, 2010, p.24.

44 Foi comum a muitos autores brasileiros buscarem explicações para esse fenômeno, qual seja, a ascensão das classes populares nas decisões políticas, recorrendo à noção de populismo – posição que não concordamos. Essa possibilidade de ascensão geralmente foi associada, e de forma muito simplista, ao fenômeno da fragmentação do poder oligárquico. Ou seja, supostamente só seria possível pensar em novos agentes (geralmente subalternos) influenciando as decisões políticas através do voto, a partir de um “vácuo de poder” e não através das conquistas



Mas além dos novos arranjos políticos, a cidade que, tida no período como a ‘princesa da serra’⁴⁵, e considerada um polo regional consolidado, contudo, “despreparada para absorver os contingentes liberados, migrantes por fatores de mudança, assistiu ao crescimento significativo de sua população marginal”⁴⁶. Dado importante se pensarmos quem são os sujeitos que compõem as periferias da cidade no decorrer da década de 1960 e 1970: a mão-de-obra ‘não qualificada’, força de trabalho oriunda dos campos e propriedades rurais do município de Lages e de outros municípios da região, a população cabocla, principalmente, a massa de desempregados que com o fechamento das serrarias arriscou aguardar alguma oferta de trabalho temporário em outros setores.

Ao tratar da relação entre migração e a experiência dos trabalhadores, Paulo Fontes afirma:

A grande migração de trabalhadores das regiões rurais para as cidades é um dos fatos marcantes da história social brasileira na segunda metade do século XX. Entre 1950 e 1980, estima-se que mais de 38 milhões de pessoas saíram do campo, alterando profundamente o perfil socioeconômico do país. [...] Os anos 1950 foram, provavelmente, o momento no qual o impacto da migração interna foi mais acentuado. Embora já iniciado nas décadas anteriores, o processo migratório acelerou-se sobremaneira naquele período⁴⁷.

Segundo a pesquisa de Peluso Jr, realizada ainda nos anos 1940:

das lutas políticas travadas pelas classes populares. Esse argumento pode ser encontrado, por exemplo, em Weffort, para quem “essa emergência se torna possível no momento de crise aguda do sistema liberal-oligárquico que explode com a crise de 1929, e propicia uma ruptura de hegemonia política oligárquica”. WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.70. Para ver a discussão entre outros autores cf. FERREIRA, J. (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. NEGRO, A. L.. Paternalismo, populismo e história social. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), Campinas, v. 20/21, p. 9-37, 2004. GOMES, Angela de Castro. O Populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. *Tempo* (London), Niterói - RJ, v. 1, n.2.

45 Apesar de não existir ainda nenhum estudo aprofundado sobre a origem da denominação de Lages como Princesa da Serra, ao que tudo indica foi expressão utilizada inicialmente como título em uma peça teatral escrita por Gualberto da Silva em 1920. Conforme César Lavoura, “certamente o conteúdo antológico e literário expressos nesta comédia de revista autenticamente lageana traz novas perspectivas sobre as concepções estéticas, políticas e culturais na cidade no primeiro quartel do século passado”. LAVOURA, César. *O poder simbólico das artes: teatro e cinema nos tempos da Princesa Serrana*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2013, p.10. Anos mais tarde a denominação aparece em alguns jornais de circulação local. Foi também utilizada (com uma alteração razoável) pelo geógrafo Victor Antônio Peluso Jr. que intitulou seu ensaio monográfico com ‘Lages, a rainha da serra’, trabalho publicado originalmente nos anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, em 1944. Em 1952 é interessante ressaltar a fundação do Clube Excursionista Princesa da Serra, consolidando o epíteto que até hoje é denominação comumente utilizada para referir-se a cidade de modo sentimental e afetuosos.

46 MARTENDAL, José Ari Celso. *Op. Cit.* p.10 e 33.

47 FONTES, Paulo. *Migração nordestina e experiências operárias: São Miguel Paulista nos anos 1950*. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da.; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p.365-366



Verificou ainda que o trabalhador braçal representava a maior porcentagem da população urbana, sendo seus elementos, em grande parte, pertencentes à raça negra ou mestiça. Com isso, o nível de vida dessa classe é bastante baixo e oferece contrastes impressionantes com o meio em que vive. O rebanho de gado vacum é numeroso, mas nem assim as crianças tomam leite regularmente. As tropas de gado destinadas às populações do litoral descem do planalto diariamente, mas a carne não figura como base da alimentação da classe pobre de Lages. O regime alimentar baseia-se no feijão e no milho⁴⁸.

Em 1940, é preciso dizer, parte considerável da população ainda usava “a lamparina de querosene e a vela de gordura de gado”⁴⁹. Durante décadas muitas indústrias na região serrana resolveram precária e isoladamente seus problemas para suprir necessidades ligadas à força motriz e as necessidades de operação de seus maquinários rudimentares. Serrarias e engenhos ainda eram movidos por tração animal ou hidráulica - situação que “impunha limitações fortes a cada uma das empresas, caracterizadas pela precariedade dos serviços oferecidos”⁵⁰. A condição mudou parcialmente a partir da criação da Companhia Catarinense de Força e Luz S.A. (COSEL) em 1944, a qual, apesar dos esforços, constantemente apresentava falhas e não chegava a atingir a extensa área rural do município, sendo restrita a uma parte do perímetro urbano.

O problema de fornecimento de energia ainda em 1956 não havia sido resolvido. Em agosto daquele ano, Osni de Medeiros Régis reconheceu que “realmente [...] durante muitos anos, este foi o maior problema de Lages”. Situação que foi parcialmente alterada com a instalação de uma nova turbina, mediante empréstimos realizados pela Companhia Força e Luz⁵¹.

48 PELUSO JR., Victor Antonio. *Op. Cit.* p.135

49 PELUSO JR., Victor Antônio. *Op. Cit.*, p.98

50 Nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade contava apenas com uma pequena usina hidrelétrica no perímetro urbano, de propriedade do Sr. José Suiter, responsável pela distribuição de eletricidade para sua oficina mecânica, para algumas residências e o Teatro Municipal de Lages, onde também funcionava um cinema. Esse foi um dos empreendimentos pioneiros na produção de energia elétrica da região: “a pequena usina estava localizada à margem esquerda do rio Carahá, próximo à sede do município, o que facilitava a extensão de uma linha elétrica até o centro da cidade”. Esta usina funcionava com duas turbinas de fabricação alemã, com pouco rendimento em consequência da fraca queda d’água que sofria variações derivadas da vazante do rio nas diferentes épocas do ano. Desde então, pequenos investimentos incrementaram o processo de serragem do pinheiro e algumas serrarias passaram a ser movidas a vapor. Frederico Guilherme Busch recebeu concessão para o fornecimento de “Força e Luz” em Lages em 1925. A empresa passou a ser propriedade de Domingos B. Valente (comerciante ávido de Santo Amaro de Imperatriz/Palhoça e bastante conhecido nos círculos de Lages) em 1938. Esses empreendimentos eram caracterizados pelo baixo desempenho na capacidade de geração de energia. Cf. SANTOS, Silvio Coelho dos; REIS, Maria José. *Memórias do setor elétrico na Região Sul*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

51 Ata da 70ª Sessão Ordinária, da 2ª Sessão Legislativa da 3ª legislatura, realizada em 17 de agosto de 1956. In: WOLKMER, Antônio Carlos et al. (org.). *Op. Cit.*



Ao longo da primeira metade do século XX, além das extenuantes jornadas de trabalho de muitos homens e mulheres no processo produtivo, parte das pequenas indústrias de Lages contou, portanto, apenas com o uso de maquinários sucateados e obsoletos (geralmente de procedência alemã e inglesa), o que de certa forma contribuiu para o barateamento na produção das mercadorias, sobretudo, a madeira serrada ou prensada.

Apesar dessas alterações pontuais, essas serrarias ficaram longe de produzir em larga escala, o que só foi possível no final dos anos 1950, quando multinacionais realizaram investimentos pesados no ramo do papel e da celulose. E a partir dos anos 1960, quando a CELESC passou a operar a distribuição de energia, e a região testemunhou a destruição das suas reservas de araucária, o que implicou não só em um problema ambiental, mas também social, já que o pinhão ainda era base alimentar para muitas pessoas que viviam da lavoura e de muitos animais que compunham a fauna regional⁵².

Analisando sob outro viés, de certa forma a transformação pela qual Lages passou está ligada diretamente ao que ocorreu em municípios de médio e grande porte no país neste período, num momento que é tido como “o mais contínuo e dinâmico período de expansão econômica na história humana”⁵³, ou como ficou popularmente conhecido, os “anos dourados” do capitalismo⁵⁴. É comum encontrarmos em muitos lugares, especialmente nos países ditos periféricos, um processo de urbanização severamente desigual – ou conforme Santos, uma “urbanização social em paralelo a uma urbanização “territorialmente seletiva”⁵⁵, uma forte modernização conservadora, um aumento demográfico acelerado sem o devido acompanhamento de políticas públicas e planejamento urbano, tudo isso conjugado a uma predominância singular do fenômeno dual de pobreza/racismo, algo que ainda hoje é muito evidente nas periferias urbanas.

Ainda sobre o mercado da madeira, é importante frisar que este também contou com a consolidação dos ideais nacionais desenvolvimentistas dos anos JK, período em que “[...] difundia-se que todos os brasileiros deveriam contribuir para com o desenvolvimento da

52 Impacto que também é possível analisar através da literatura como fonte. Neste caso o autor que mais se dedicou ao tema foi Guido Wilmar Sassi, principalmente em *Amigo Velho*, livro de contos publicados em 1957 pelo Grupo Sul.

53 HIRSCHMAN, Albert O. *Auto-subversão: teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.175.

54 HOBSBAWM, Eric J. Os anos dourados. In: *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2 ed. 47 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.253-281.

55 SANTOS, 1996, p.09.



nação”⁵⁶, sob o famoso slogan ‘50 anos de progresso em 5 anos de realizações’. Boa parte das madeiras serradas de Lages foram direcionadas para construção de Brasília⁵⁷ e também para a construção civil. Euforia que não tardou em dissipar-se. A indústria madeireira que antes perfazia 64,5% do total de estabelecimentos industrial de Lages⁵⁸ apontou já no final dos anos 1960 e início dos anos 70 para o seu fim. Com a extinção das florestas de araucária, conseqüentemente, muitas serrarias e madeireiras fecharam ou reduziram suas atividades⁵⁹, o que elevou a níveis alarmantes o nível de desemprego e o número de pessoas que deixavam a cidade em busca de outras oportunidades.

3. Reverberações políticas: ‘Lages, a força do povo’, 1977-1982.

Passado os anos de euforia em relação às transformações locais e com o alcance do desenvolvimentismo, eis que o país se depara com o golpe civil militar em 1964. A partir de 1965, com o Ato Institucional n.2 (AI-2)⁶⁰, foram 14 anos de bipartidarismo no país. De um lado a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido de apoio e base do regime militar, e de outro o Movimento Democrático Brasileiro, oposição consentida que aos poucos conquistou um importante espaço de atuação política no país. Nas palavras de Carlos Nelson Coutinho: “progressivamente a fachada legal foi se enchendo de conteúdo real, o MDB se tornou uma efetiva frente política de oposição”⁶¹. Essa reconfiguração política aglutinou forças que antes estavam dissipadas, o que teve como consequência o fortalecimento das oposições ao poder constituído.

56 LOHN, Reinaldo L. A cidade contra o campo. In: BRANCHER, Ana (org.) *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. 2 ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004, p.49. De acordo com a *Enciclopédia brasileira dos municípios* de 1956, Lages tinha como fonte de riqueza, “a garantir-lhe um futuro sorridente”, a indústria madeireira, sendo 166 estabelecimentos industriais, 1, especialmente dedicados a madeira serrada e 2 a caixa de madeira desarmada. O número de veículos automotores também aumentou de forma significativa, ao passo que se desenvolviam as ruas e avenidas do espaço urbano - havia na cidade, em 1957, além de motos: automóveis (363); jipes (146); caminhões (824), sendo que “com a melhoria das condições viárias, os veículos motorizados tornaram-se um importante mecanismo de trabalho, que exigia novas qualificações aos trabalhadores, com habilidades de motorista e conhecimentos básicos de mecânica”. Cf. *Enciclopédia brasileira dos municípios*, Rio de Janeiro, 1956. p.238-240; Relatório da Inspeção Regional de Estatística municipal de Santa Catarina, 1957. p.243 e 56 MARCON, Frank; ANDRADE, Eveline; VILLAGRAN, Carla J. *Engrenagens em movimento: cultura e sociedade no sul do país*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009, p.33

57 COSTA, Licurgo. *Op. Cit.* 912.

58 SILVA, Elizabeth Farias da. *O MDB/PMDB em Lages: análise de um partido de oposição no governo (1972-1982)*. Dissertação de Sociologia política. Florianópolis: UFSC, 1985, p.68.

59 MARTENDAL, José Ari Celso. *Op. Cit.*, p.46.

60 Lei disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-02-65.htm - Acesso em Out. 2014.

61 COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e socialismo: questões de princípio e contexto brasileiro*. São Paulo: Cortez, 1992, p.50.



Em Santa Catarina, o MDB foi organizado logo no final de 1965, mas fundado somente em 1966 em Lages, conforme a pesquisa de Elizabeth Farias da Silva⁶². Houve, portanto, uma nova conformação político-partidária organizada em nível nacional, que influenciou diretamente as disputas políticas locais. As decisões dos militares na área econômica, com o passar dos anos, também impactaram diretamente na vida da maioria dos brasileiros, o que agravou ainda mais a precária situação dos trabalhadores, tais como aqueles que foram empilhando-se nas periferias de Lages após os anos do ‘ciclo da madeira’ (que em partes pode ser entendida, em termos nacionais, como um legado deixado pelos anos ‘dourados’ da política econômica desenvolvimentista dos governos anteriores).

Com os militares no poder, o salário mínimo caiu vinte e cinco por cento no governo Castelo Branco⁶³. Mas, entre 1969 e 1973, o PIB brasileiro atingiu uma taxa de crescimento anual de 9%, chegando a 11% em 1973, fenômeno que ficou conhecido como ‘milagre econômico’⁶⁴. Esse processo só foi possível, segundo Régis de Castro Andrade, pela adoção de medidas como o arrocho salarial, a concentração de renda e propriedade, uma medida imposta à força, sendo que greves foram proibidas e sindicalistas foram perseguidos⁶⁵.

O MDB, paralelamente a esse processo, foi conquistando aos poucos legitimidade diante da população e apostando na via democrática. Diversos setores da esquerda partiram para uma “política de alianças que ia à direção de setores mais moderados da oposição, tendo como objetivo ampliar o movimento da sociedade civil contra a ditadura militar”⁶⁶. Em Lages, em 1968, o MDB quase venceu a ARENA, com 12.912 votos⁶⁷. Já em 1972, ganhou a eleição, com pouca diferença de votos. Eleito em 1972, Juarez Furtado, advogado, ficou à frente da prefeitura até 1976. Sua eleição ficou conhecida por ser o marco que assinalou o fim de uma era política da família Ramos em Lages (principal família oligarca da região), pela reforma na iluminação do Estádio de Futebol Vidal Ramos e pelas reformas na área urbana da cidade, o que agradou bastante a ‘nova classe média’.

Durante os anos dessa primeira gestão do MDB, o arquiteto Dirceu Carneiro, como vice-prefeito, iniciou uma espécie de ‘campanha paralela’, onde criou contato direto com a

62 SILVA, Elizabeth Farias da. *Op. Cit.*

63 SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit.*

64 EVERS, Tilman. Sobre o comportamento político das classes médias no Brasil, 1963-1977. In: KRISCHKE, Paulo J. (org.). *Brasil do “milagre” a “abertura”*. São Paulo: Cortez, 1982, p.97.

65 ANDRADE, Régis de Castro. A economia do capitalismo selvagem. In: KRISCHKE, Paulo J. (org.). *Brasil do “milagre” a “abertura”*. São Paulo: Cortez, 1982, p.140.

66 ARAUJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia: 1964(...)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p.323.

67 QUINTEIRO, Jucirema. *Op. Cit.* p.114.



população, principalmente com os moradores que residiam na área rural, de onde era proveniente, distanciando-se assim de Juarez, que era tido como mais moderado e ligado ao centro urbano. Dirceu esteve à frente de projetos como ‘Viva seu bairro’, que foi uma espécie de projeto piloto para a elaboração de outros projetos desenvolvidos na sua gestão a partir de 1977⁶⁸. Carneiro, é preciso dizer, venceu as eleições para prefeitura em 1976 com a maioria dos votos - ultrapassando o número de votos de todos os outros três candidatos juntos, o que implica considerar no mínimo que suas propostas (e do MDB) estavam em consonância com as demandas populares⁶⁹.

Um ponto importante a ser sublinhado é que os prefeitos eleitos pelo MDB foram orientados por um documento urdido em 1976, em um encontro no Rio Grande do Sul. Esse documento foi intitulado *Ação municipalista* e orientou parte da ação política desenvolvida em Lages⁷⁰, um recurso que pode ser tido como fundamental, pois permitiu que os problemas sociais locais originados nos anos 1940 e seguintes fossem enfrentados. Segundo Eliana Tavares dos Santos “o debate em torno da ‘participação popular’ tomou maior evidência e sistematicidade entre as ‘lideranças gaúchas’ que atuaram nos movimentos de contestação ao regime militar nas campanhas para vereador de 1976”, sendo que “o Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (IEPES) do MDB organizou naquele ano uma espécie de curso para prefeitos e vereadores com base em um documento chamado “O MDB e a Ação Municipalista” que teve repercussão nacional”⁷¹.

68 O projeto “Viva seu bairro” foi um projeto embrião realizado ainda na gestão de Juarez Furtado entre 1975/1976. Segundo Ana Luiza Souto “na segunda metade do mandato de Juarez Furtado, Dirceu Carneiro assumiu interinamente a prefeitura de Lages. Tendo em vista sua candidatura à sucessão, o então vice-prefeito quis marcar essa sua passagem pela administração através de uma atuação diferenciada e eficaz. Lançado esse desafio, numa reunião de secretariado começou a germinar a ideia de se fazer uma operação concentrada nos bairros. Com uma visão crítica frente à administração de Juarez, que só cuidava do centro, deixando em segundo plano a periferia. [...]. Essa operação foi batizada com o nome de “Viva seu bairro””. FERREIRA, Ana Luiza S. Souto. Lages: um jeito de governar. *Revista Pólis*. Instituto de Estudos, formação e assessoria em políticas sociais, São Paulo, 1991, p.7. Para Jucirema Quinteiro, o projeto Viva seu Bairro é “um momento de participação de gente que anda pela rua, que ajudou a abrir, a encascalhar, a embelezar a cidade”. QUINTEIRO, Jucirema. *Op. Cit.*, p.237.

69 Embora Dirceu Carneiro tenha uma atuação louvável como administrador público e como liderança política nesse momento, ainda é preciso superar o personalismo em torno dele, principalmente buscando entender a sua posição não como jovem político e *outsider*, mas como um *estabelecido*. Parece que as coisas se tornam mais precisas se traçarmos as suas redes de sociabilidade com a política estabelecida, e não ao contrário.

70 Esse programa foi o resultado direto do primeiro seminário que reuniu candidatos a prefeito, vice-prefeito e vereadores pelo partido de oposição. O encontro realizado em Porto Alegre, em agosto de 1976, sob a coordenação do Diretório Regional do MDB, pelo Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (IEPES) e pela fundação Pedroso Horta, teve como proposta final o documento intitulado “O MDB e a Ação Municipalista”. Cf. QUINTEIRO, Jucirema. *Op. Cit.*, p.129-133.

71 REIS, Eliana Tavares dos. Em nome da “participação popular”: constituição de uma “causa legítima” e disputas por sua definição no Rio Grande do Sul. *Rev. Pós Ciências Sociais*. V.5. n.9/10 jan/dez, São Luis/MA, 2008.



No plano local, a ‘equipe Dirceu Carneiro’ desenvolveu o que intitularam de “projetos especiais”. Essa equipe era formada, sobretudo, por jovens da classe média, saídos da universidade, militantes do movimento estudantil na década de 1960, a exemplo de Dirceu Carneiro, o assessor de comunicação Ilson Chaves, o secretário da cultura Antônio Munarim, Sônia Beltrame e Nini Beltrame⁷². Entre os projetos especiais desenvolvidos podem ser destacados o de incentivo a criação de Associação de Moradores de Bairros, o projeto de Hortas Comunitárias, o Projeto Lageano de Habitação, ações comunitárias na área de Saúde, a formação de Núcleos Agrícolas, Ações Culturais, Mostras do Campo, a Escola do Povo, incentivo e popularização do teatro popular e o projeto arte nos bairros⁷³.

Esse conjunto de ações orientou-se, provavelmente, a partir de uma visão própria do que significava agir politicamente numa região como a de Lages (herdeira de um ciclo extrativista tão intenso como o que discutimos anteriormente). Para Munarim, o que ocorreu, “foi o resultado da combinação das necessidades reais e forças potenciais das classes subalternas da sociedade com a vontade política de um grupo de agentes sociais que ocuparam o poder público municipal [...]”⁷⁴. É nesse contexto que surge o lema de ‘Lages, a força do povo’. Outrossim, os projetos tentaram corresponder precisamente as novas necessidades que estavam colocadas, sobretudo, pelas classes populares, articulando uma proposta política nacional (a ação municipalista do MDB), com os aspectos políticos, econômicos e culturais locais. Isso foi o que permitiu Maurício Tragtenberg à época enfatizar que ‘a luz vem de Lages’⁷⁵.

A experiência se tornou, por fim, um ‘projeto coletivo’ de um grupo de pessoas (pequeno, mas significativo), para além dos limites municipais, para as quais, o que estava em jogo era a redemocratização do país. Envolveu instituições de outros Estados como o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), do Rio de Janeiro, o Instituto de Estudos e

72 QUINTEIRO, Jucirema. *Op. Cit.* p.137.

73 Segundo Lori Silveira “esses projetos especiais podem ser definidos como propostas alternativas de organização popular, com sentido de trabalho coletivo e que perseguiram um processo de conscientização política”, e, complementa a autora “com a finalidade, ainda de melhorar as condições de vida tanto da população urbana periférica, quanto da população rural”. SILVEIRA, Lori Terezinha da. *Mostras do campo de Lages: educação e cultura na democracia participativa (1977 – 1983)*. Dissertação de mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 2004, p.1

74 MUNARIM, Antônio. *A práxis dos movimentos sociais na região serrana*. Dissertação de mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 1990, p.162.

75 Prefácio em ALVES, Márcio Moreira. *A força do Povo: democracia participativa em Lages*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p.7.



Pesquisas Econômicas e Sociais – IEPES, a Fundação Pedroso Horta, fundação ligada ao MDB e o Centro Brasileiro de Pesquisas (Cebrap) de São Paulo⁷⁶.

Em 10 de junho de 1978, um membro devotado da oligarquia catarinense, Jorge Bornhausen, em depoimento ao *Jornal de Santa Catarina* assinalou a necessidade de evitar o que intitulou de ‘republiquetas marxistas’, referindo-se a Lages e a gestão do MDB que ali se constituía. Segundo ele, aquilo nada trazia “para o progresso catarinense”⁷⁷. Já em 1983, o secretário do interior de São Paulo, Chopin Tavares de Lima, afirmou que “a experiência democrática em Lages é um modelo para todo Brasil”⁷⁸. Existiu, portanto, uma grande polarização e tensão em relação aos diferentes significados políticos dessa gestão municipal, antes e depois dela; ora implicando em uma oposição taxativa (sobretudo da velha oligarquia, da direita e políticos filiados à ARENA), ora de adesão manifesta em defesa da experiência⁷⁹.

Nos anos de 1980, Lages contava com uma população de 155.293 habitantes, dos quais 79,6% residiam na zona urbana, sendo que dos seus quase 7.000km² de território, 97% se caracterizavam como rural. Ou seja, uma densa e complexa concentração humana no meio urbano, com inúmeros problemas sociais advindos das carências de serviços e equipamentos, dos quais a população tinha quase nenhum acesso, tanto quanto, moradia adequada, alimentação regular, saneamento básico e acesso aos serviços públicos como instituições de educação e saúde. Em consequência disso, os sujeitos que até então estavam excluídos das decisões políticas, passaram a incorporar em seus discursos:

76 O Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM é uma associação civil sem fins lucrativos, criada em 1952, com sede no Rio de Janeiro. Sua fundação recebeu o apoio dos movimentos relacionados ao municipalismo brasileiro. Destaca-se principalmente no campo da profissionalização de servidores públicos. Cf. em <http://www.ibam.org.br/info/institucional/1> O Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas e Sociais – IEPES, por sua vez, coordenado à época pelo sociológico André Foster, reuniu no final dos anos 1970, dirigentes ligados ao MDB, preocupados, sobretudo, em elaborar projetos políticos que pudessem contrapor as propostas autoritárias do regime militar. A Fundação Pedroso Horta, que homenageia o ex-ministro da justiça Pedroso Horta, político que com o bipartidarismo em 1965 adere ao MDB, foi uma das principais instituições ligada ao PMDB, tendo sua criação apoiada por Ulysses Guimarães e Tancredo Neves. O Centro Brasileiro de Pesquisas (Cebrap), por fim, foi fundado em 1969 por intelectuais de formação bastante eclética, a maioria dos quais professores da Universidade de São Paulo (USP). É uma instituição de estudos brasileiros com pesquisas diversas áreas incluindo sociologia, política, filosofia, economia, antropologia e demografia. Cf. MONTERO, Paula. MOURA, Flávio. (orgs.) Retrato de grupo - 40 anos do CEBRAP. São Paulo. Cosac Naify, 2009. A afirmação sobre a ligação desses grupos com a administração de Lages é de SILVA, Elizabeth Farias da. *Op. Cit.*, p.179.

77 Declaração de Jorge Bornhausen ao *Jornal de Santa Catarina*, 1978.

78 Folha de São Paulo, 20 de março de 1983, Caderno 2, p.23.

79 Esse foi o caso, por exemplo, de Márcio Moreira Alves e Tetê Moraes, ambos exilados políticos, cariocas, entusiastas da experiência lageana e que foram responsáveis pela exposição da gestão de Dirceu Carneiro em âmbito nacional: Moreira Alves com o livro intitulado “*A força do povo: democracia participativa em Lages*”⁷⁹, lançado pela editora brasiliense em 1980 e Moraes com o documentário “*Lages, a força do povo*”⁷⁹, projeto financiado pela Embrafilme e realizado e produzido em 1982.



A necessidade e garantia de condições de existência mínimas, são ‘novos sujeitos’, “indivíduos, até então dispersos e privatizados, que passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões atividades realizadas⁸⁰.”

Nos meios urbanos e em nível nacional, os trabalhadores, com baixos salários, excluídos dos processos de decisão política, agrupados nos bairros e periferias vão ser os novos ‘atores sociais’ da década de 1970 no Brasil. Essa era a ambiência política naquele momento. Em 1985, escrevia Weffort, “na área dos movimentos populares, assistiu-se, nos últimos dez anos, a uma extraordinária proliferação das sociedades de bairro”⁸¹. É nesse contexto que podemos compreender a execução e o caráter dos projetos da gestão responsável em administrar a ‘republicueta marxista’, em Lages, no final nos anos 1970 e que nos primeiros anos de 1980 se tornou a ‘administração municipal modelo’ tão divulgada na imprensa e nos setores políticos nacionais⁸², principalmente por enfrentar os problemas locais de maneira criativa.

Antigas reivindicações arranjadas em um novo contexto político e econômico, colaboraram para o deslocamento do eixo das decisões políticas, o que favoreceu para que a prioridade de atuação do poder público mudasse o enfoque de suas ações. Com isso, finalmente, podemos pensar os impactos das transformações locais para a coadunação das propostas a nível nacional do MDB na década de 1970.

Algumas considerações

Lages, por fim, de pequena cidade comercial e decadente do início do século XX, acabou se transformando no terreno de uma importante experiência política local no contexto de emergência da sociedade civil durante o regime militar. Dessa forma, com os seus diferentes ‘status’”, de ‘vilota rude’ a ‘princesa da serra’ nos anos 1940 e de ‘republicueta marxista’ a ‘administração municipal modelo’ nos 1970 e 1980, podemos destacar algumas

80 A frase é de Marilena Chauí, referindo-se aos sujeitos do trabalho de Eder Sader, que acreditamos, enquadra-se perfeitamente ao que estamos nos referindo. Prefácio. In: SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-80)*, 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.10.

81 WEFFORT, Francisco C. *Por que democracia?* 3 ed. São Paulo: Brasiliense: 1985, p.98/99.

82 Os indícios deste alcance podem ser localizados em vários jornais e revistas de circulação nacional como a *Revista Isto É*, em agosto de 1980 dedicando três páginas ao tema e na imprensa, com os jornais *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*, que em 1981, por exemplo, dedica uma semana consecutiva de matérias sobre os projetos desenvolvidos pela prefeitura em Lages, além de ser tema constante na coluna “*A Folha e as respostas da sociedade à crise*”, em artigos assinados por Maurício Tragtenberg e pelas jornalistas Helô Caponi e Denise Natale.



dessas transformações e de como a mudança dos regimes políticos e dos ciclos econômicos afetaram e afetam a vida urbana ou os delimita.

Se de um lado a cidade se desenvolveu em diversos sentidos, de outro enfrentou problemas que atravessaram o século XX, com impasses que outras cidades também enfrentaram com a intensificação do processo de urbanização no Brasil. Ao ser sede de uma experiência política inovadora, Lages acabou lançada no centro de um debate mais amplo, próprio do período de abertura política e do processo de redemocratização do país (1979-1988), no qual diversos atores sociais fizeram parte. No entanto, assinalamos que para compreender os desafios postos nos anos 1970, foi necessário compreender o passado a partir da análise histórica e assim investigar as possíveis correlações entre a intensa exploração econômica da madeira, o processo de urbanização e a recomposição da política local daqueles anos, tomando como referência o ciclo econômico conhecido como ‘ciclo da madeira’. Em suma, conclui-se que as transformações ocorridas em Lages sintetizam desdobramentos importantes a nível local, mas que não pode ser apenas entendida sem a compreensão de fenômenos cuja escala ultrapassa os limites locais e regionais.

A importância de conhecer tais processos refere-se ao fato de que a cidade, como destacou Milton Santos, é um lugar fadado “a ser tanto o teatro dos conflitos crescentes como o lugar geográfico e político da possibilidade de soluções”⁸³, o que estimula nosso interesse em estudar as transformações do espaço urbano de Lages. E como aludiu Antonio Candido “em nosso país, o desenvolvimento da urbanização criou um ‘desequilíbrio social’, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje”⁸⁴. Desse modo, são esses ‘efeitos’ que particularmente nos interessa compreender e estudar hoje posto que também são nossos contemporâneos e arraigados na sociedade brasileira.

Finalmente, o que esse artigo se propôs a analisar questões que também podem ser relacionadas à: i) um momento específico do país em plena ditadura militar, regime que interrompeu e alterou, quando não aprofundou, um processo político e econômico advindo do após guerra; ii) sobre parte do processo de expansão capitalista em um país periférico; além de apontar questões interessantes para refletir sobre parte da nossa cultura política, principalmente no período de transição e ‘redemocratização’ do país, observados, especialmente, pelo viés das associações civis do final da década de 1970 e 1980 e sua ação na formação daquilo que se intitulou de ‘democracia participativa’, no qual os modelos

83 SANTOS, 1996, p.11.

84 CANDIDO Antonio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.9-26.



municipais mais citados daquele contexto são Lages (SC), Piracicaba (SP) e Boa Esperança (ES).

O acúmulo dessas experiências indicou uma “*força social inovadora*”, afinal, essa força desdobrou-se e ampliou-se, chegando a conquistar importantes municípios, produzindo práticas e alternativas concretas de poder popular⁸⁵, sendo que este processo tem um dos seus pilares ‘fincados’ nos movimentos sociais que emergiram na metade da década de 70. E talvez esta seja uma importante chave de leitura para compreender ‘a força do povo’ e a capacidade de resolver problemas tão profundos quanto aqueles originados no seio do ciclo da madeira durante os anos 1940.

Resta ainda, em alguma medida, tentarmos refletir sobre duas interessantes questões com as quais encerro este artigo. A primeira formulada em entrevista por Leandro Konder: “será que esse movimento de massas tem uma força na qual nós podemos nos apoiar, ou é só aparência? Será que o movimento de massas tem força própria ou será uma força ilusória?”⁸⁶ E em outro momento, David Harvey, questiona: “será que o espantoso ritmo e a escala da urbanização nos últimos 100 anos contribuíram para o bem-estar do homem?”. Resta a nós sugerir algumas respostas e também pensar alternativas para “ir além das inevitáveis forças da urbanização, da mercantilização e da industrialização como os responsáveis por toda a transformação”⁸⁷.

Referências

ALVES, Márcio Moreira. *A força do Povo: democracia participativa em Lages*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ANDRADE, Régis de Castro. A economia do capitalismo selvagem. In: KRISCHKE, Paulo J. (org.). *Brasil do “milagre” a “abertura”*. São Paulo: Cortez, 1982.

ARANTES, Pedro Fiori. Marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970. *Novos Estudos*. n.83. Mar. 2009.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia: 1964(...)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

85 A expressão é de QUINTEIRO, Jucirema. *Op. Cit.* p.224.

86 KONDER, Leandro. Entrevista a SADER, Emir; PINASSI, Maria Orlanda; COUTINHO, Carlos N. In: *Rev. Margem Esquerda* n.5. São Paulo: Boitempo, p.27.

87 DAVIS, Natalie Zemon. Antropologia e história nos anos 1980. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogerio F. da (org.). *Nova História em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.340.



AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1980.

BRASIL. *Enciclopédia brasileira dos municípios*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1956.

BRESCIANI, Maria Stella em Cidades e urbanismo. Uma possível análise historiográfica. *Politeia: Hist. e Soc.*, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 21-50, 2009.

CANDIDO Antonio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.9-26.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. *Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumberand Colonization (1870-1970)*. Tese de doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2010.

COSTA, L. *O Continente das Lagens*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e socialismo: questões de princípio e contexto brasileiro*. São Paulo: Cortez, 1992.

DAVIS, Natalie Zemon. Antropologia e história nos anos 1980. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogerio F. da (org.). *Nova História em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

EVERS, Tilman. Sobre o comportamento político das classes médias no Brasil, 1963-1977. In: KRISCHKE, Paulo J. (org.). *Brasil do “milagre” a “abertura”*. São Paulo: Cortez, 1982.
FÁVERO, Tâmyta Rosa. *Tramas e desenlaces eleitorais: o cenário político na “velha Lages” durante a ditadura militar (Lages, SC, Década de 70)*. Monografia. Florianópolis, UDESC, 2010.

FERREIRA, Ana Luiza S. Souto. Lages: um jeito de governar. *Revista Pólis*. Instituto de Estudos, formação e assessoria em políticas sociais, São Paulo, 1991.

FLORIANI, Guilherme dos Santos. *História florestal e sociológica do uso do solo na região dos campos de Lages no século XX*. Dissertação de Mestrado em Ciências Agrárias (Manejo do solo). Lages: UDESC, 2007.

FONTES, Paulo. Migração nordestina e experiências operárias: São Miguel Paulista nos anos 1950. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

GARCIA, Fabiano. *Para além dos seletos e sinuosos consensos: processo histórico, transformação social e a construção da memória coletiva, Lages/SC (1944-1990)*. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.



HIRSCHMAN, Albert O. *Auto-subversão: teorias consagradas em xeque*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2 ed. 47 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HOFF, Débora Nayar; SIMIONI, Flávio José. *O setor de base florestal na serra catarinense*. Lages: Editora Uniplac, 2004.

KONDER, Leandro. Entrevista a SADER, Emir; PINASSI, Maria Orlanda; COUTINHO, Carlos N. In: *Rev. Margem Esquerda* n.5. São Paulo: Boitempo.

LAGES. Câmara Municipal de Lages. *Memórias do legislativo lageano*. Governo do Estado de Santa Catarina, 2008.

LAVOURA, César. *O poder simbólico das artes: teatro e cinema nos tempos da Princesa Serrana*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LOHN, Reinaldo L. A cidade contra o campo. In: BRANCHER, Ana (org.) *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. 2 ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

MARCON, Frank; ANDRADE, Eveline; VILLAGRAN, Carla J. *Engrenagens em movimento: cultura e sociedade no sul do país*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

MARTENDAL, José Ari Celso. *Processos produtivos e trabalho-educação: a inclusão do caboclo catarinense na indústria madeireira*. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

MIRANDA, Silmara Luciane. *Lages 1940: discursos e remodelações urbanas*. Dissertação de mestrado em História, Florianópolis: UFSC, 2001.

MUNARIM, Antônio. *A práxis dos movimentos sociais na região serrana*. Dissertação de mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 1990.

MUNIZ, Vanessa Aparecida. As relações de gênero entre coronéis, concubinas e suas esposas na década de 1950 (Lages – SC). *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios., 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos SNH-2015.

MUNIZ, Vanessa Aparecida. *Sociabilidades e namoros na década de 70 – Lages (SC)*. Dissertação de mestrado em História. Florianópolis: UDESC, 2012.

NUNES, Sara. *Caso Canozzi: um crime e vários sentidos*. Lages: Grafine, 2011.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista - O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2013.

PEIXER, Zilma Isabel. *A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages*. Lages: Uniplac, 2002



PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. *Estudos de geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

PELUSO JUNIOR, Victor Antônio ‘Lages, a rainha da serra’. Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 1944.

QUINTEIRO, Jucirema. *A “força do povo” em Lages: mas o que foi mesmo esta experiência?* Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1991.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. “A cidade como objeto da historiografia”. *Saeculum – Revista de História*. [21]; João Pessoa, jul/dez. 2009.

REIS, Eliana Tavares dos. Em nome da “participação popular”: constituição de uma “causa legítima” e disputas por sua definição no Rio Grande do Sul. *Rev. Pós Ciências Sociais*. V.5. n.9/10 jan/dez, São Luis/MA, 2008.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-80)*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTA CATARINA. Inspetoria Regional de Estatística municipal de Santa Catarina, 1957.

SANTOS, Milton. *A urbanização Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, Silvio Coelho dos; REIS, Maria José. *Memórias do setor elétrico na Região Sul*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SERPA, Elio. *Igreja e catolicismo popular no planalto catarinense (1891 – 1930)*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 1989.

SETÚBAL, Paulo. *Alma Cabocla: poesia*. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 1964.

SEVCENKO, Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Elizabeth Farias da. *O MDB/PMDB em Lages: análise de um partido de oposição no governo (1972-1982)*. Dissertação de Sociologia política. Florianópolis: UFSC, 1985.

SILVEIRA, Lori Terezinha da. *Mostras do campo de Lages: educação e cultura na democracia participativa (1977 – 1983)*. Dissertação de mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 2004.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e urbanização*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2000. THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

WEFFORT, Francisco C. *Por que democracia?* 3 ed. São Paulo: Brasiliense: 1985



WILLIAMS, Raymond. Dominante, residual e emergente. In: *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras. 2011.

WOLKMER, Antônio Carlos et al. (org.). *Osni de Medeiros Régis: artigos e discursos (1955 – 1970)*. Florianópolis: MPSC, 2014.

WOOD, Ellen. *Democracia contra Capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

Recebido em 07 de abril de 2015.

Aceito para publicação em 21 de agosto de 2017.

